



Universidade da Amazônia

# **Crônica do Viver Baiano Seiscentisata-A Nossa Sé da Bahia**

de Gregório de Matos



**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [uvb@unama.br](mailto:uvb@unama.br)

## **Crônica do Viver Baiano Seiscentista A Nossa Sé da Bahia**

de Gregório de Matos

### A NOSSA SÉ DA BAHIA

com ser um mapa de festas  
é um presépio de bestas.  
E se nisto maldigo ou me engano,  
eu me submeto à Santa Madre Igreja.

Se virdes um Dom Abade  
sobre o púlpito cioso,  
não lhe chameis Religioso  
chamai-lhe embora de Frade

Jesus, nome de Jesus!

### AOS CAPITULARES DO SEU TEMPO.

A nossa Sé da Bahia,  
com ser um mapa de festas,  
é um presépio de bestas,  
se não for estrebaria:  
várias bestas cada dia  
vemos, que o sino congrega,  
Caveira mula galega,  
o Deão burrinha parda,  
Pereira besta de albarda,  
tudo para a Sé se agrega.

### PONDERA ESTANDO HOMIZIADO NO CARMO QUAM GLORIOSA HE A PAZ DA RELIGIÃO.

Quem da religiosa vida não se namora, e agrada,  
já tem a alma danada,  
e a graça de Deus perdida:  
uma vida tão medida  
pela vontade dos Céus,  
que humildes ganham troféus,  
e tal glória se desfruta,  
que na mesa a Deus se escuta,  
no Coro se louva a Deus.

Esta vida religiosa  
tão sossegada, e segura  
a toda a boa alma apura,

afugenta a alma viciosa:  
há cousa mais deliciosa,  
que achar o jantar, e almoço  
sem cuidado, e sem sobrosso  
tendo no bom, e mau ano  
sempre o pão quotidiano,  
e escusar o Padre nosso!

Há cousa como escutar  
o silêncio, que a garrida  
toca depois da comida  
pare cozer o jantar!  
há cousa como calar,  
e estar só na minha cela  
considerando a panela,  
que cheirava, e recendia  
no gosto de malvasia  
na grandeza da tigela!

Há cousa como estar vendo  
uma só Mãe religião  
sustentar a tanto Irmão  
mais, ou menos Reverendo!  
há maior gosto, ao que entendo,  
que agradar ao meu Prelado,  
para ser dele estimado,  
se ao obedecer-lhe me animo,  
e depois de tanto mimo  
ganhar o Céu de contado!

Dirão réprobos, e réus,  
que a sujeição é fastio,  
pois para que é o alvedrio,  
senão para o dar a Deus:  
quem mais o sujeita aos céus,  
esse mais livre se vê,  
que Deus (como ensina a fé)  
nos deixou livre a vontade,  
e o mais é mor falsidade,  
que os montes de Gelboé.

Oh quem, meu Jesus amante,  
do Frade mais descontente  
me fizera tão parente,  
que fora eu seu semelhante!  
Quem me vira neste instante  
tão solteiro, qual eu era,  
que na Ordem mas austera  
comera o vosso maná!  
Mas nunca direi, que lá

virá a fresca Primavera.

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR D. Fr. MANUEL DA RESSURREIÇÃO.

Subi a púrpura já, raio luzente  
Do sol Americano, que em dourado  
Dossel o Tibre vos verá sagrado  
Dar um dia leis à sua corrente.

Entonces da Tiara a vossa frente,  
E vosso Patriarca coroadado  
Um redil deveremos, e um cajado  
Às vossas claves, e a seu zelo ardente.

Subi a cumes tão esclarecidos,  
ó vos, de cuja remendada capa  
sombas são já purpúreos resplandores.

Em quem divinamente reunidos  
Os brasões de Seráfico, e de Papa  
Verão os vossos dous Progenitores.

A MORTE DO MESMO SENHOR SUCEDIDA DE UMA FEBRE MALIGNA EM  
BELÉM ANDANDO EM VISITA.

Neste túmulo a cinzas reduzido  
Da virtude o Herói mais portentoso  
Se oculta, feito estrago lastimoso  
Da dura Parca, de que foi vencido.

De um incêndio cruel ficou rendido  
Aquele peito forte, e valoroso,  
Que por Deus tantas vezes amoroso  
Tinha grandes incêndios padecido.

Porém a Parca andou muito advertida  
Em lhe tirar a vida desta sorte,  
E tirana não foi, sendo homicida.

Que se o matou em um incêndio forte,  
Foi, porque se de incêndios teve a vida,  
De incêndios era bem tivesse a morte.

EPITÁFIO À SEPULTURA DO MESMO Ex.mo. SENHOR ARCEBISPO

Este mármore encerra, ó Peregrino,  
Se bem, que a nossos olhos já guardado,  
Aquele, que na terra foi sagrado,  
Para que lá no céu fosse divino.

De seu merecimento justo, e digno  
Prêmio, pois na terra nunca irado  
Se viu o seu poder, e o seu cajado  
Neste nosso hemisfério ultramarino.

Enfim relíquias de um Prelado santo  
Oculta este piedoso monumento:  
As lágrimas detém, enxuga o pranto.

Prosta-te reverente, e beija atento  
As cinzas, de quem deu ao mundo espanto,  
E a todos os Prelados documento.

#### A CHEGADA DO ILUSTRÍSSIMO SENHOR D. JOÃO FRANCO DE OLIVEIRA TENDO SIDO JÁ BISPO EM ANGOLA.

Hoje os Matos incultos da Bahia  
Se não suave for, ruidosamente  
Cantem a boa vinda do Eminente  
Príncipe desta Sacra Monarquia.

Hoje em Roma de Pedro se lhe fia  
Segunda vez a Barca, e o Tridente,  
Porque a pesca, que fez já no Oriente,  
A destinou para a do meio-dia.

Oh se quisera Deus, que sendo ouvida  
A Musa bronca dos incultos Matos  
Ficasse a vossa púrpura atraída!

Oh se como Arion, que a doces tratos  
Uma pedra atraiu endurecida,  
Atraísse eu, Senhor, vossos sapatos!

#### A FROTA EM QUE VEIO O PALLIOLO DESTE GRANDE PRELADO.

Tal frota nunca viram as idades  
De rota, desmembrada, e detençosa,  
Mui Santa deve ser, e religiosa,  
Pois de dous em dous veio, como frades.

Não lhe duvido eu destas qualidades,  
Se veio na Almirante venturosa  
Aquela insígnia Santa, e poderosa,  
Que à Mitra episcopal dá potestades.

Chegou o Pálio enfim, que de um Prelado,

Que nos veio a medida do desejo  
Tão merecido foi, como esperado.

Eu ouço repicar, e folgar vejo:  
Repica a Sé, o Carmo está folgado,  
Louco devo eu de ser, pois não doidejo.

AO MESMO ILUSTRÍSSIMO SENHOR CHEGANDO DE VISITA A VILA DE S.  
FRANCISCO, ONDE Ô ESPERAVAM MUITOS CLÉRIGOS PARA TOMAREM  
ORDENS.

Bem-vindo seja, Senhor, Vossa Ilustríssima  
A este sítio famoso do Seráfico,  
Onde nesta canção de verso alcaico  
Ouça a ovelha balar sua amantíssima

Aqui verá correr água claríssima  
Do grande Sergipe rio antártico,  
Onde para tomar o eclesiástico  
Caráter Santo há gente prestantíssima.

Aqui de Pedro a rede celeberrima  
Cuido, que fez os lanços hiperbólicos,  
Que na Bíblia se lêem Santa integérrima.

Porque estes Pescadores tão católicos  
Nunca uma pesca fazem tão pulquérrima,  
Que os buchos nos não deixem melancólicos.

A MAGNIFICÊNCIA COM QUE OS MORADORES DAQUELA VILA RECEBERAM O  
DITO SENHOR COM VÁRIOS ARTIFÍCIOS DE FOGO POR MAR, E TERRA  
CONCORRENDO PARA A DESPESA O VIGÁRIO.

Apareceram tão belas  
no mar canoas, e truzes,  
que se o céu é mar de luzes,  
o mar era um céu de estrelas:  
era uma armada sem velas  
movidada de outro elemento,  
era um prodígio, um portento  
ver com tanto desafojo  
esta navegar com fogo,  
se outras arribam com vento.

Sua Ilustríssima estava  
assustado sobre absorto,  
porque via um rio morto  
o fogo, em que se abrasava:

grande cuidado lhe dava ver,  
que o mar morria então  
infamado na opinião,  
e como um judeu queimado,  
sendo, que o mar é sagrado,  
que inda é mais que ser cristão.

Lá no vale ardia o ar,  
e por ser, comua a guerra,  
no mar há fogo de terra,  
na terra há fogo do mar:  
toda a esfera a retumbar  
fazia correspondência,  
e com alegre aparência  
luzia na ardente empresa  
fogo do ar por alteza,  
e do mar por excelência.

Em cima as rodas paravam,  
que varia a fortuna toda  
desandava a sua roda,  
e as do fogo não paravam:  
os mestres se envergonhavam,  
que era Lourenço, e Diogo:  
e eu vi, que a Lourenço logo  
a face se quebrantava,  
com que a mim mais me queimava  
o seu rosto, que o seu fogo.

Deu-se fogo em conclusão  
a uma roda de encomenda,  
foi como a minha fazenda,  
que ardeu num abrir de mão:  
estava em meio do chão  
um rasto, para que ardesse  
uma câmara, e parece,  
que uma faísca caiu,  
disparou: quem jamais viu,  
que o fogo em câmeras desse.

Era grande a multidão  
do Clero, e dos Seculares,  
que a graça destes folgares  
consiste na confusão:  
Sua Ilustríssima então  
se foi, que o fogo não zomba,  
aqui queima, ali arromba:  
segue-lhe o vigário os trilhos,  
que as rodas não tinham filhos  
mas pariam muita bomba.

A gente ficou pasmada,  
porque viu a gente toda,  
que era a resposta da roda  
de bombarda respostada:  
ficou a turba enganada,  
porque enfim nos perturbar-nos:  
mas todos nos alegramos,  
que isto somos, e isso fomos,  
que então alegres nos pomos  
quando mais nos enganamos.

Entre o desar, e entre o risco  
a noite alegre passou:  
que mais noite! se a gabou  
té o Padre São Francisco:  
nas mais paróquias foi cisco,  
foi sombra, foi ar, foi nada  
do nosso Prelado a entrada,  
e a desconfiança é vã  
de o Cura ter bolsa chã,  
se a vontade é tão sobrada.

OBRIGADOS OS ORDENANDOS A CANTAR O CANTO CHÃO DESAFINARAM  
PERTURBADOS A VISTA DO PRELADO, E OS OBRIGOU, A QUE ESTUDASSEM  
OS SETE SIGNOS. CELEBRA O POETA ESTE CASO, E LOUVA A PREDICA, QUE  
FEZ SUA ILUSTRÍSSIMA.

Senhor; os Padres daqui  
por b quadro, e por b mol  
cantam bem ré mi fá sol,  
cantam mal lá sol fá mi:  
a razão, que eu nisto ouvi,  
e tenho para vos dar,  
é, que como no ordenar  
fazem tanto por luzir,  
cantam bem para subir,  
cantam mal para baixar.

Porém como cantariam  
os pobres perante vós?  
tão bem cantariam sóis,  
quão mal, onde vos ouviam:  
quando o fabordão erguiam  
cad'um parece, que berra,  
e se um dissona, o outro erra,  
mui justo me pareceu,  
que sempre à vista do Céu  
fique abatido, o que é terra.



Os Padres cantaram mal  
como está já pressuposto,  
e inda assim vos deram gosto,  
que eu vi no riso o sinal.  
foi-se logo cada qual  
direito às suas pousadas  
a estudar nas tabuadas  
da música os sete signos,  
não por cantar a Deus hinos,  
mas por vos dar badaladas.

Vós com voz tão doce, e grata  
enleastes meus sentidos,  
que ficaram meus ouvidos,  
engastados nessa prata:  
tanto o povo se desata  
ouvindo os vossos espíritos!  
que com laudatórios gritos  
dou eu fé, que uma Donzela  
disse, qual outra Marcela,  
o cântico Beneditos.

A MORTE VIOLENTA QUE LUIZ FERREIRA DE NORONHA CAPITÃO DA  
GUARDA DO GOVERNADOR ANTÔNIO LUIZ DEU À JOSÉ DE MELLO  
SOBRINHO DESTE PRELADO.

Brilha em seu auge a mais luzida estrela,  
Em sua pompa existe a flor mais pura,  
Se esta do prado frágil formosura,  
Brilhante ostentação do céu aquela.

Quando ousada uma nuvem a atropela,  
Se a outra troca em lástima a candura,  
Que há também para estrelas sombra escura,  
Se para flores há, quem as não zela.

Estrela e flor, José, em ti se encerra,  
Porque ser flor, e estrela mereceu  
Teu garbo, a quem a Parca hoje desterra.

E para se admirar o indulto teu,  
Como flor te sepultas cá na terra,  
Como estrela ressurges lá no céu.

AO RETIRO QUE FEZ ESTE ILUSTRÍSSIMO PRELADO SENTIDÍSSIMO, E  
MAGOADO PELA TIRANA, E VIOLENTA MORTE QUE O CAPITÃO DA GUARDA  
LUIZ FERREIRA DE NORONHA DEU A SEU SOBRINHO.

Um benemérito peito,  
uma Sacra Dignidade  
sentir vem na soledade  
da parca o cruel efeito:  
que de um golpe sem respeito  
quis cortar o vital fio,  
sem atender Senhorio,  
nem ver, o despojo horrendo,  
de quem se agravara, vendo  
desautorizado o brio.

Já de todo o mal distando  
em Belém busca o retiro,  
onde um, e outro suspiro  
a pena estão aumentando:  
e no pesar contemplando  
jamais será divertido,  
vendo de todo perdido  
por culpa de um traidor vil  
aquele Adónis gentil  
a cadáver reduzido

Se a lei se deve observar,  
como agora falta, e tarda?  
a Justiça apenas guarda,  
que agradou por aguardar:  
privou por se depravar  
pela via nunca usada,  
deu ao vício franca entrada,  
e bem se pode entender,  
que enquanto vivo há de ser  
privado pela privada.

Mas que muito haja amparado  
um Calígula tirano  
a seu amigo inumano  
Capitão de cama, e lado?  
o vulgo tem murmurado,  
e a maldade não se doma,  
e a sem-razão, que se assoma,  
como demais já sobeja  
contra um Ministro da Igreja  
um nefando de Sodoma.

AOS MISSIONÁRIOS, À QUEM O ARCEBISPO D. FR. JOÃO DA MADRE DE DEUS RECOMENDAVA MUYTO AS VIAS SACRAS, QUE ENCHENDO A CIDADE DE CRUZES CHAMAVAM DO PÚLPITO AS PESSOAS POR SEUS NOMES, REPREENDENDO, À QUEM FALTAVA.

Via de perfeição é a sacra via,  
Via do céu, caminho da verdade:  
Mas ir ao Céu com tal publicidade,  
Mais que à virtude, o boto à hipocrisia.

O ódio é d'alma infame companhia,  
A paz deixou-a Deus à cristandade:  
Mas arrastar por força, uma vontade,  
Em vez de perfeição é tirania.

O dar pregões do púlpito e indecência,  
Que de Fulano? venha aqui sicrano:  
Porque o pecado, o pecador se veja:

E próprio de um Porteiro d'audiência,  
E se nisto maldigo, ou mal me engano,  
Eu me submeto à Santa Madre Igreja.

A CERTO PROVINCIAL DE CERTA REGIÃO QUE PREGOU O MANDATO EM TERMOS TA, RIDÍCULOS QUE MAIS SERVIU DE MOTIVO DE RISO, DO QUE DE COMPAIXÃO.

Inda está por decidir,  
meu Padre Provincial,  
se aquele sermão fatal  
foi de chorar, se de rir:  
cada qual pode inferir,  
o que melhor lhe estiver,  
porque aquela má mulher  
da perversa sinagoga  
fez no sermão tal chinoga,  
que o não deixou entender.

Certo, que este lava-pés  
me deixou escangalhado,  
e quanto a mim foi traçado  
para risonho entremez:  
eu lhe quero dar das três  
a outro qualquer Pregador,  
seja ele quem quer que for,  
já filósofo, ou já letrado,  
e quero perder dobrado,  
se fizer outro pior.

E vossa Paternidade,  
pelo que deve à virtude,  
de tais pensamentos mude,  
que prega mal na verdade:  
faça atos de caridade,  
e trate de se emendar,  
não nos venha mais pregar,  
que jurou o Mestre Escola,  
que por pregar pare Angola  
o haviam de degradar.

AO CURA DA SÉ QUE ERA NAQUELLE TEMPO, INTRODUZIDA ALI POR DINHEIRO, E COM PRESUNÇÕES DE NAMORADO SATIRIZA O POETA COMO CRIATURA DO PRELADO.

O Cura, a quem toca a cura  
de curar esta cidade,  
cheia a tem de enfermidade  
tão mortal, que não tem cura:  
dizem, que a si só se cura  
de uma natural sezão, que lhe dá na ocasião  
de ver as Moças no eirado,  
com que o Cura é o curado,  
e as Moças seu cura são.

Desta meizinha se argüi,  
que ao tal Cura assezoado  
mais lhe rende o ser curado,  
que o Curado, que possui,  
grande virtude lhe influi  
o curado exterior:  
mas o vício interior  
Amor curá-lo procura,  
porque Amor todo loucura,  
se a cura é de louco amor.

Disto cura o nosso Cura,  
porque é curador maldito,  
mas ao mal de ser cabrito  
nunca pôde dar-lhe cura:  
É verdade, que a tonsura  
meteu o Cabra na Sé,  
e quando vai dizer "Te  
Deum laudamus" aos doentes,  
se lhe resvale entre dentes,  
e em lugar de Te diz me.

Como ser douto cobiça,

a qualquer Moça de jeito  
onde pôs o seu direito,  
logo acha, que tem justiça:  
a dar-lhe favor se atija,  
e para o fazer com arte,  
não só favorece a parte,  
mas toda a prosápia má,  
se justiça lhe não dá,  
lhe dá direito, que farte.

Porque o demo lhe procura  
tecer laços, e urdir teias,  
não cura de almas alheias,  
e só do seu corpo cura:  
debaixo da capa escura  
de um beato capuchinho  
é beato tão maligno  
o cura, que por seu mal  
com calva sacerdotal  
é sacerdote calvino.

Em um tempo é tão velhaco,  
tão dissimulado, e tanto,  
que só por parecer santo  
canoniza em santo um caco:  
se conforme o adágio fraco  
ninguém pode dar, senão  
aquilo, que tem na mão,  
claro está que no seu tanto  
não faria um ladrão santo,  
senão um Santo Ladrão.

Estou em crer, que hoje em dia  
já os cânones sagrados  
não reputam por pecados  
pecados de simonia:  
os que vêem tanta ousadia,  
com que comprados estão  
os curados mão por mão,  
devem crer, como já creram,  
que ou os cânones morreram,  
ou então a Santa unção.

AO ILUSTRÍSSIMO D. FR. JOÃO DA MADRE DE DEOS MUDANDO-SE PARA O  
SEU NOVO PALÁCIO, QUE COMPROU.

Sacro Pastor da América florida,  
Que para o bom regímen do teu gado  
De exemplo fabricastes o cajado,

E de fruta te sene a mesma vida.

Outros tua virtude esclarecida  
Cantem: mas teu palácio por sagrado  
Cante Apolo de raios coroados  
Na musa humilde de álamos cingida.

Gusano a tua folha me alimente,  
Tua sombra me ampare peregrino,  
Passarinho o teu ramo me sustente.

Tecerei tua historia em ouro fino,  
De meus versos serás templo freqüente,  
Onde glórias te cante de continuo.

O DEÃO ANDRÉ GOMES CAVEIRA SE INTRODUZIU DE TAL MODO COM ESTE  
PRELADO EM DESABONO DO POETA, QUE ESTIMULADO O DITO FEZ O  
SEGUINTE.

#### MOTE

O mundo vai-se acabando,  
cada qual olhe por si,  
porque dizem, que anda aqui  
uma Caveira falando.

Chegou o nosso Prelado  
tão galhardo, e tão luzido,  
tão dourado, e esclarecido,  
tão nobre, e tão ilustrado,  
e não houve Prebendado,  
que para o ir enganando  
se lhe não fosse chegando;  
mas só Caveira asnaval  
é, quem co Prelado val:  
O mundo vai-se acabando.

Como não há de acabar-se,  
se uma Caveira tão feia  
ao Prelado galanteia  
a risco de enamorar-se!  
onde se viu galantear-se  
o roxete carmesi  
pela caveira de Heli?  
não é mentira, é verdade;  
pois para seguridade  
cada qual olhe por si.

Olhe por si cada qual,

e não se dêem por seguros,  
sabendo, que anda extramuros  
esta Caveira infernal:  
ela anda pelo arrebal,  
e dacolá para aqui,  
eu por mil partes a vi:  
o leigo, o frade, e o monge  
não a imaginem de longe,  
Porque dizem, que anda aqui.

Aqui anda, e aqui está  
rosnando sempre entre nós,  
Deão com cara de algoz,  
e pertensões de Bispá:  
ele é, o que os pontos dá,  
e os vícios vai acusando  
com zelo torpe, e nefando,  
com que nos bota a perder:  
porque quem não há de crer  
Uma Caveira falando.

#### COMO ACREDITOU ESTE PRELADO MAIS OS MEXERICOS DE CAVEIRA, DO QUE AS LISONJA DO POETA, LHE FEZ ESTA SÁTIRA

Eu, que me não sei calar,  
mas antes tenho por míngua,  
não purgar-se qualquer língua  
a risco de arrebentar:  
vos quero, amigo, contar,  
pois sois o meu secretário,  
um sucesso extraordinário,  
um caso tremendo, e atroz;  
porém fique aqui entre nós.

Do Confessor Jesuíta,  
que ao ladrão do confessado  
não só absolve o pecado,  
mas os furtos lhe alcovita:  
do Percursor da visita,  
que na vanguarda marchando  
vai pedindo, e vai tirando,  
o demo há de ser algoz:  
porém fique aqui entre nós.

O ladronaço em rigor  
não tem para que o dizer  
furtos, que antes de os fazer,  
já os sabe o confessor:  
cala-os para ouvir melhor,

pois com ofício alternado  
confessor, e confessado  
ali se barbeiam sós:  
porém fique aqui entre nós.

Aqui o Ladrão consente  
sem castigo, e com escusa,  
pois do mesmo se lhe acusa  
o confessor delinqüente:  
ambos alternadamente  
um a outro, e outro a um  
o pecado, que é comum  
confessa em comua voz:  
porém fique aqui entre nós.

Um a outro a mor cautela  
vem a ser neste acidente  
confessor, e penitente,  
porque fique ela por ela:  
o demo em tanta mazela  
diz: faço, porque façais,  
absolvo, porque absolvais,  
pacto inopinado pôs;  
porém fique aqui entre nós.

Não se dá a este Ladrão  
penitência em caso algum,  
e somente em um jejum  
se tira a consolação:  
ele estará como um cão  
de levar a bofetada:  
mas na cara ladrilhada  
emenda o pejo não pôs:  
porém fique aqui entre nós.

Mecânica disciplina  
vem a impor por derradeiro  
o confessor marceneiro  
ao pecador carapina:  
e como qualquer se inclina  
a furtar, e mais furtar,  
se conjura a escavacar  
as bolsas um par de enxós:  
porém fique aqui entre nós.

O tal confessor me abisma,  
que releve, e não se ofenda,  
que um Frade Sagrado venda  
o sagrado óleo da crisma:  
por dinheiro a gente crisma,



não por cera, havendo queixa,  
que nem a da orelha deixa,  
onde crismando a mão pôs:  
porém fique aqui entre nós.

Que em toda a Franciscania  
não achasse um mau Ladrão,  
quem lhe ouvisse a confissão,  
mais que um padre da panhia!  
nisto, amigo, há simpatia,  
e é, porque lhe veio a pêlo,  
que um atando vá no orelo,  
e outro enfiando no cós:  
porém fique aqui entre nós.

Que tanta culpa mortal  
se absolva! eu perco o tino,  
pois absolve um Teatino  
pecados de pedra, e cal:  
quem em vida monacal  
quer dar à Filha um debate  
condenando em dote, ou date  
vem a dar-lhe o pão, e a noz;  
porém fique aqui entre nós.

As Freiras com santas sedes  
saem condenadas em pedra,  
quando o ladronaço medra  
roubando pedra, e paredes:  
vós, amigo, que isto vedes,  
deveis a Deus graças dar  
por vos fazer secular,  
e não zote de albernoz:  
porém fique aqui entre nós.

LOUVA O POETA O SERMÃO, QUE PREGOU CERTO MESTRE NA FESTA, QUE  
A JUSTIÇA FAZ, AO ESPIRITO SANTO NO CONVENTO DO CARMO NO ANO  
1686.

Alto sermão, egrégio, e soberano  
Em forma tão civil, tão erudita,  
Que sendo o pregador um carmelita,  
Julguei eu, que pregava um Ulpiano.

Não desfez Alexandre o nó Gordiano,  
Co'a espada o rompeu (traça esquisita)  
Soltais na forma legal, e requisita  
Soltais o nó do magistrado arcano.

Ó Príncipes, Pontífices, Monarcas,  
Se o Mestre excede a Bártolos, e Abades  
Vesti-lhe a toga, despojai-lhe alparcas.

Rompam-se logo as leis das Majestades,  
Ouçam Ministros sempre os Patriarcas,  
Pois mais podem, que leis, autoridades.

CELEBRA O POETA (ESTANDO HOMIZIADO NO CARMO), A BURLA, QUE  
FIZERAM OS RELIGIOSOS COM UMA PATENTE FALSA DE PRIOR A FREI  
MIGUEL NOVELOS, APELIDADO O LATINO POR DIVERTIMENTO EM UM DIA  
DE MUITA CHUVA.

Victor, meu Padre Latino,  
que só vós sabeis latim,  
que agora se soube enfim,  
para um breve tão divino:  
era num dia mofino  
de chuva, que as canas rega,  
eis a patente aqui chega,  
e eu por milagre o suspeito  
na Igreja Latina feito,  
para se pregar na grega.

Os sinos se repicaram  
de seu moto natural,  
porque o Padre Provincial,  
e outros Padres lhe ordenaram:  
os mais Frades se abalaram  
a lhe dar obediência,  
e eu em tanta complacência,  
por não faltar ao primor,  
dizia a um Victor Prior,  
Victor, vossa Reverência.

Estava aqui retraído  
o Doutor Gregório, e vendo  
um breve tão reverendo  
ficou co queixo caído:  
mas tornando em seu sentido  
de galhofa perenal,  
que não vi patente igual,  
disse: e é cousa patente,  
que se a patente não mente,  
é obra de pedra, e cal.

Victor, Victor se dizia,  
e em prazer tão repentino,  
sendo os vivas ao latino

soavam a ingresia:  
era tanta a fradaria,  
que nesta casa Carmela  
não cabia refestela,  
mas recolheram-se enfim  
cada qual ao seu celim,  
e eu fiquei na minha cela.

AO VIGÁRIO DA VILA DE S. FRANCISCO POR UMA PENDÊNCIA, QUE TEVE  
COM UM OURIVES A RESPEITO DE UMA MULATA, QUE SE DIZIA CORRER  
POR SUA CONTA.

Naquele grande motim,  
onde acudiu tanta gente,  
a título de valente  
também veio valentim:  
puxou pelo seu afim,  
e tirando-lhe a barriga,  
você se quer, que lho diga,  
disse ao Ourives da prata,  
na obra desta Mulata  
mete muita falsa liga:  
Briga, briga.

É homem tão desalmado,  
que por lhe a prata faltar,  
a estar sempre a trabalhar  
bate no vaso sagrado:  
não vê que está excomungado,  
porque com tanta fadiga  
a peça da igreja obriga  
numa casa excomungada  
com censura reservada,  
pela qual Deus o castiga:  
Briga, briga.

Porque com modos violentos  
a um vigário tão capaz  
sobre quatro, que já traz,  
cornos, lhe põe quatrocentos!  
deixe-se desses intentos,  
e reponha a rapariga,  
pois a repô-la se obriga,  
quando afirma, que a possui,  
e se a razão não conclui,  
vai esta ponta à barriga:  
Briga, briga.

Senhor Ourives, você

não é ourives da prata?  
pois que quer dessa Mulata,  
que cobre, ou tambaca é?  
Restitua a Moça, que  
é peça da Igreja antiga:  
restitua a rapariga,  
que se vingará o Vigário  
talvez no confessional,  
e talvez na desobriga:  
Briga, briga.

A Mulata já lhe pesa  
de trocar odre por odre,  
pois o leigo é membro podre,  
e o Padre membro da igreja:  
sempre esta telha goteja,  
sempre dá grão esta espiga,  
e a bola da rapariga  
quer desfazer esta troca,  
e deixando a sua toca  
quer fazer co Padre liga  
Briga, briga.

Largai a Mulata, e seja  
logo a bom partido,  
que como tem delinqüido  
se quer acolher à igreja:  
porque todo o mundo veja,  
que quando a carne inimiga  
tenta a uma rapariga,  
quer no cabo, quer no rabo  
a Igreja vence ao diabo  
com outra qualquer cantiga.  
Briga, briga.

A OUTRO VIGÁRIO DE CERTA FREGUESIA, CONTRA QUEM SE AMOTINAVAM  
OS FREGUESES POR SER MUYTO AMBICIOSO.

Reverendo vigário,  
Que é título de zotes ordinário,  
Como sendo tão bobo,  
E tendo tão larguíssimas orelhas,  
Fogem vossas ovelhas  
De vós, como se fôsseis voraz Lobo.

O certo é, que sois Pastor danado,  
E temo, que se a golpe vem de fouce,  
Vos há de cada ovelha dar um couce:  
Sirva de exemplo a vosso desalinho,

O que ovelhas têm feito ao Padre Anjinho,  
Que por sua tontice, e sua asnia  
o tem já embolsado na euxovia;  
Porém a vós, que sois fidalgo asneiro,  
Temo, que hão de fazer-vos camareiro.

Quisestes tosquear o vosso gado,  
E saístes do intento tosqueado;  
Não vos cai em capelo,  
O que o provérbio tantas vezes canta,  
Que quem ousadamente se adianta.  
Em vez de tosquear fica sem pêlo?

Intentastes sangrar toda a comarca,  
Mas ela vos sangrou na veia d'arca  
Pois ficando faminto, e sem sustento,  
Heis de buscar a dente qual jumento  
Erva para o jantar, e para a ceia,  
E se talvez o campo a escasseia,  
Mirrado heis de acabar no campo lhano,  
Fazendo quarentena todo o ano:  
Mas então poderá vossa porfia  
Declarar aos Fregueses cada dia.

Sois tão grande velhaco,  
Que a pura excomunhão meteis no saco:  
Já diz a freguesia,  
Que tendes de Saturno a natureza,  
Pois os Filhos tratais com tal crueza,  
Que os comeis, e roubais, qual uma harpia;  
Valha-vos; mas quem digo, que vos valha?  
Valha-vos ser um zote, e um canalha:  
Mixelo hoje de chispo,  
Ontem um passa-aqui do Arcebispo.  
Mas oh se Deus a todos nos livrara  
De Marão com poder, vilão com vara!  
Fábula dos rapazes, e bandarras,  
conto do lar, cantiga das guitarras.

Enquanto vos não parte algum corisco,  
Que talvez vos despreza como cisco,  
E fugindo a vileza desse couro,  
Vos vai poupando a cortadora espada,  
Azagaia amolada,  
A veloz seta, o rápido pelouro:

Dizei a um confessor dos aprovados,  
Vossos torpes pecados,  
Que se bem o fazeis, como é preciso  
Fareis um dia cousa de juízo:

E uma vez confessado,  
Como vos tenha Deus já perdoado,  
Todos vos perdoaremos  
Os escândalos mil, que de vós temos,  
E comendo o suor de vosso rosto  
Dareis a Deus prazer, aos homens gosto.

AO VIGÁRIO ANTÔNIO MARQUES DE PERA DA ENCOMENDADO NA IGREJA  
DA Va DE S. FRANCISCO AMBICIOSO, E DESCONHECIDO.

Da tua Perada mica  
não te espantes, que me enoje,  
porque é força, que a entoje  
sendo doce de botica:  
o gosto não se me aplica  
a uma conserva afamada,  
e em botes tão redomada,  
que sempre por ter que almoces,  
achas para tão maus doces  
a tutia preparada.

Se tua Tia arganaz  
te fez essa alcomonia,  
com colher não te faria,  
com espátula te faz:  
criaste-te de rapaz  
co pingue dessas redomas,  
e hoje tal asco lhe tomas,  
que tendo uma herança rica  
hás raízes da botica,  
contudo não tens, que comas.

Teu juízo é tão confuso,  
que quando a qualquer cristão  
lhe entra o uso de rezão,  
de então lhe perdeste o uso:  
sempre foste tão obtuso,  
que já desde estudante  
te tinham por um doudete,  
porque eras visto por alto,  
na fala falso contralto,  
na vista fino falsete.

Correndo os anos cresceste,  
e se dizia em sussurro,  
que era o teu crescer de burro,  
pois cresceste, e aborreceste:  
logo em tudo te meteste,  
querendo ser eminente

nas artes, que estuda a gente,  
mas deixou-te a tua asnia  
Abel na filosofia,  
na poesia inocente.

Deram-te as primeiras linhas  
versos de tão baixa esfera,  
que o seu menor erro era  
serem feitos às Negrinhas:  
com estas mesmas pretinhas,  
por mais que te desbatizes,  
gastaste os bens infelizes  
do Marquês fino herbolário,  
porque todo o Boticário  
é mui rico de raízes.

Sendo um zote tão supino,  
és tão confiado alvar,  
que andas por i a pregar  
geringonças ao divino:  
pregas como um capuchino,  
porque essa traça madura  
um curado te assegura,  
crendo Sua Senhoria,  
que a botica te daria  
as virtudes pare a cura.

Mas ele se acha enganado,  
porque vê evidentemente,  
que os botes para um doente  
são, mas não pare um curado:  
entraste tão esfaimado  
a comer do sacrifício,  
que todo o futuro ofício  
cantaste sobre fiado,  
pelo tirar de contado  
ao dono do benefício.

Nenhuma outra cousa é  
este andar dos teus alparques,  
mais que ser Filho de Marques  
vizinho da Santa Sé:  
outro da mesma ralé  
tão Marques, e tão bribante  
te serve agora de Atlante,  
porque para conjurer-se,  
é facil de congregar-se  
um com outro semelhante.

AO PADRE DAMASO DA SILVA PARENTE DO POETA, E SEU OPOSTO, HOMEM  
DESBOCADO, E PRESUNÇOSO COM GRANDES IMPULSOS DE SER VIGÁRIO,  
SENDO POR ALGUM TEMPO EM NOSSA SENHORA DO LORETO.

Dâmaso, aquele madraço,  
que em pés, mãos, e mais miúdos  
pode bem dar seis, e ás  
ao major Frisão de Hamburgo:  
Cuja boca é mentideiro,  
onde acode todo o vulgo  
a escutar sobre la tarde  
las mentiras como punho:  
Mentideiro freqüentado  
de quantos senhores burros  
perdem o nome de limpos  
pela amizade de um sujo.  
Cuja língua é relação  
aonde acham os mais puros  
para acusar um fiscal  
para cortar um verdugo.  
Zote muito parecido  
aos vícios todos do mundo,  
pois nunca os alheios corta,  
sem dar no seu próprio escudo:  
Santo Antônio de baeta,  
que em toda a parte do mundo  
os casos, que sucederam,  
viu, e foi presente a tudo:  
O Padre papa jantares,  
hóspede tão importuno,  
que para todo o banquete  
traz sempre de trote o bucho:  
Professo da providência,  
que sem lograr bazaruco,  
para passar todo um ano  
nem dous vinténs faz de custo:  
Que os amigos o sustentam,  
e lhe dão como de juro  
o jantar, quando lhes cabe  
a cada qual por seu turno.  
Essa vez, que tem dinheiro,  
que é de sete em sete lustros:  
três vinténs com um tostão,  
ou dous tostões quando muito:  
Com um vintém de bananas,  
e de farinha dous punhos,  
para passar dia, e meio  
tem certo o pão, e conduto:  
Lisonjeiro sem recato  
adulador sem rebuço,



que por papar-lhe um jantar  
de um sacristão faz um Núncio:  
De um Tambor um General,  
um Branco de um Mamaluco,  
de uma senzala um palácio,  
e um galeão de um pantufo.  
Em passando a ocasião,  
tendo já repleto o bucho,  
desanda co'a taramela,  
e a todos despe de tudo:  
Outro sátiro de Esopo,  
Que co mesmo bafo astuto  
Esfriava o caldo quente,  
E aqueitava o frio punho:  
O Zote, que tudo sabe  
O grande Jurisconsulto  
Dos Litígios fedorentos  
Desta cidade monturo:  
O Bártolo de improviso,  
O subitâneo Licurgo,  
Que anoitece um sabe-nada,  
E amanhece um sabe-tudo:  
O Letrado grátis dato,  
e o que com saber infuso  
quer ser Legista sem mestre,  
canonista sem estudo:  
Agraduado de douto  
na academia dos burros,  
que é braba universidade  
para doutorar brandúzios:  
desaforado sem susto,  
entremetido sem riso,  
e sem desar abelhudo:  
Filho da puta com dita,  
alcoviteiro sem lucro,  
cunhado do Mestre-Escola,  
parente que preza muito.  
Fraquíssimo pelas mãos,  
e valentão pelo vulto,  
no corpo um grande de Espanha,  
no sangue escória do mundo.  
Este tal, de quem falamos,  
como tem grandes impulsos  
de ser batiza-crianças,  
para ser soca-defuntos:  
A Majestade d'El-Rei  
tem já com mil esconjuros  
ordenado, que o não colem  
nem numa igreja de juncos.  
Ele por matar desejos

foi-se ao adro devoluto  
da Senhora do Loreto,  
onde está Pároco intruso:  
Ouvir é um grande prazer,  
e vê-lo é um gosto sumo,  
quando diz "os meus fregueses"  
sem temor de um abrenuntio.  
Item é um grande prazer  
nas manhãs, em que madrugou  
vê-lo repicar o sino,  
para congregar o vulgo.  
E como ninguém acode,  
se fica o triste mazulo  
em solitária estação  
dizendo missa aos defuntos:  
Quando o Frisão considero,  
o menos que dele cuido,  
é ser Pároco boneco  
feito de trapos imundos.

#### RETRATO DO MESMO CLÉRIGO.

Pois me enfada o teu feitio,  
quero, Frisão, neste dia  
retratar-te em quatro versos  
as maravi, maravi, maravilhas.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão, da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

A cara é um fardo de arroz,  
que por larga, e por comprida  
é ração de um Elefante  
vindo da Índia.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas

A boca desempenada  
é a ponte de Coimbra,  
onde não entram, nem saem,  
mais que mentiras.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia

que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

Não é a língua de vaca  
por maldizente, e maldita,  
mas pelo muito, que corta  
de Tiriricas.

Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

No corpanzil torreão  
a natureza prevista  
formou a fresta da boca  
para guarita.

Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

Quisera as mãos comparar-lhe  
às do Gigante Golias,  
se as do Gigante não foram  
tão pequeninas.

Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas

Os ossos de cada pé  
encher podem de relíquias  
para toda a cristandade  
as sacristias.

Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

É grande conimbricense,  
sem jamais pôr pé em Coimbra,  
e sendo ignorante sabe  
mais que galinha.

Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,

que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

Como na lei de Mafoma  
não se argumenta, e se briga  
ele, que não argumenta,  
tudo porfia.

Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

#### AO MESMO CLÉRIGO APELIDANDO DE ASNO AO POETA

Padre Frisão, se vossa Reverência  
Tem licença do seu vocabulário  
Para me pôr um nome incerto, e vário,  
Pode fazê-lo em sua consciência:

Mas se não tem licença, em penitência  
De ser tão atrevido, e temerário  
Lhe quero dar com todo o Calendário,  
Mais que a testa lhe rompa, e a paciência.

Magano, infame, vil alcoviteiro,  
Das dodas corretor por dous tostões,  
E enfim dos arreitaços alveitar:

Tudo isto é notório ao mundo inteiro,  
Se não seres tu obra dos culhões  
De Duarte Garcia de Bivar.

#### AO MESMO COM PRESUNÇÕES DE SÁBIO, E ENGENHOSO.

Este Padre Frisão, este sandeu  
Tudo o demo lhe deu, e lhe outorgou,  
Não sabe musa, que estudou,  
Mas sabe as ciências, que nunca aprendeu.

Entre catervas de asnos se meteu,  
E entre corjas de bestas se aclamou,  
Naquela Salamanca o doutorou,  
E nesta salacega floresceu.

Que é um grande alquimista, isso não nego,  
Que alquimistas do esterco tiram ouro,  
Se cremos seus apógrafos conselhos.

E o Frisão as Irmãs pondo ao pespego,  
Era força tirar grande tesouro,  
Pois soube em ouro converter pentelhos.

A OUTRO CLÉRIGO AMIGO DO FRIZÃO, QUE SE DIZIA ESTAR AMANCEBADO  
DE PORTAS ADENTRO COM DUAS MULHERES COM UMA NEGRA, E OUTRA  
MULATA.

A vós, Padre Baltasar,  
vão os meus versos direitos,  
porque são vossos defeitos  
mais que as areias do mar:  
e bem que estais num lugar  
tão remoto, e tão profundo  
com concubinato imundo,  
como sois Padre Miranda,  
o vosso pobre tresanda  
pelas conteiras do mundo.

Cá temos averiguado,  
que os vossos concubinatos  
são como um par de sapatos  
um negro, outro apolvilhado:  
de uma, e outra cor calçado  
saís pela porta fora,  
hora negra, e parda hora,  
que um zote camaleão  
toda a cor toma, senão  
que a da vergonha o não cora.

Vossa luxúria indiscreta  
é tão pesada, e violenta,  
que em dous putões se sustenta  
uma Mulata, e uma Preta:  
c'uma puta se aquieta  
o membro mais desonesto,  
porém o vosso indigesto,  
há mister na ocasião  
a negra para trovão,  
e a parda para cabresto.

Sem uma, e outra cadela  
não se embarca o Polifemo,  
porque a negra o leva a remo,  
e a mulata o leva a vela:  
ele vai por sentinela,  
porque elas não dêem a bomba;  
porém como qualquer zomba

do Padre, que maravilha,  
que elas disponham da quilha,  
e ele ao feder faça tromba.

Elas sem mágoa, nem dor  
lhe põem os cornos em pinha,  
porque a puta, e a galinha,  
têm o ofício de pôr:  
ovos a franga pior,  
cornos a puta mais casta,  
e quando a negra se agasta,  
e c'o Padre se disputa,  
lhe diz, que antes quer ser puta,  
que fazer com ele casta.

A negrinha se pespega  
c'um amigão de corona,  
que sempre o Frisão se entona,  
que ao maior amigo apega:  
a mulatinha se esfrega  
c'um mestiço requeimado  
destes do pernil tostado,  
que a cunha do mesmo pau  
em obras de bacalhau  
fecha como cadeado.

Com toda esta cornualha  
diz ele cego do amor,  
que as negras tudo é primor,  
e as brancas tudo canalha:  
isto faz a erva, e palha,  
de que o burro se sustenta,  
que um destes não se contenta  
salvo se lhe dão por capa  
para a rua numa gualdrapa,  
para a cama uma jumenta.

Há bulhas minto renhidas  
em havendo algum ciúme,  
porque ele sempre presume  
de as ver sempre presumidas:  
mas elas de mui queridas  
vendo, que o Padre de borra  
em fogo de amor se torra,  
andam por negar-lhe a graça  
elas com ele de massa,  
se ele com elas à porra.

Veio uma noite de fora,  
e achando em seu vitupério

a mulata em adultério  
tocou alarma por fora:  
e por que pegou com mora  
no raio do chumbo ardente,  
foi-se o cão seguramente:  
que como estava o coitado  
tão leve, e descarregado  
se pôde ir livremente.  
Porque é grande demandão  
o senhor zote Miranda,  
que tudo, o que vê demanda,  
seja de quem for o chão:  
por isso o Padre cabrão  
de continuo está a jurar  
que os cães lhe hão de pagar,  
e que as fadas, que tem dado,  
lhas hão de dar de contado,  
e ele as há de recadar.

AO PADRE MANUEL ALVARES CAPELÃO DA MARAPÉ REMOQUEANDO AO  
POETA UMA PEDRADA QUE LHE DERAM DE NOITE ESTANDO SE PROVENDO:  
E PERGUNTANDO-LHE PORQUE SE NÃO SATIRIZAVA DELA!  
ESCANDALIZADO, E PICADO, PORQUE O POETA HAVIA SATIRIZADO OS  
CLÉRIGOS, QUE VINHAM DE PORTUGAL.

Não me espanto, que você,  
meu Padre, e meu camarada,  
me desse a sua cornada  
sendo rês de Marapé:  
mas o que lhe lembro, é,  
que se acaso a carapuça  
da sátira se lhe aguça,  
e na testa se ajustou,  
a chuçada eu não lhe dou,  
você se meta na chuça.

E se por estes respeitos  
diz, que versos não farei  
à pedrada, que eu levei  
quando fazia os meus feitos:  
agora os dará por feitos,  
pois eu de boga arrancada  
a uma, e outra pedrada  
os faço, à que levei já,  
e à que agora você dá,  
que é inda maior pedrada.

Era pelo alto serão,  
fazia um luar tremendo,

quando eu estava fazendo  
ou câmara, ou vereação:  
não sei, que notícia então  
teve um Moço, um boa-peça,  
pôs-se à janela com pressa  
tão sem propósito algum,  
que quis ter comigo um  
quebradeiro de cabeça.

Cum torrão na mão se apresta,  
e tirando-o com seu momo  
me fez o memento homo,  
pondo-me a terra na testa:  
fez-me uma pequena fresta,  
de que arto Sangue corria,  
mas eu disse, quem seria  
um Médico tão sem lei,  
que primeiro me purguei,  
do que levasse a sangria.

Ergui-me com pressa tanta,  
que um amigo me gritou,  
inda agora se purgou,  
tão depressa se levanta?  
Sim, Senhor, de que se espanta?  
Se este Médico, este tramposo  
é médico tão forçoso,  
que faz levantar num dia  
depois de curso, e sangria  
ao doente mais mimoso.

Este caso, e desventura  
foi na verdade, contado,  
e sendo eu por mim curado,  
o Moço me deu a cura:  
com uma, e outra brabura  
jurei, e prometi, que  
lhe daria um pontapé:  
mas o Moço acautelado  
me deixou calamocado  
para servir a você.

ENTRA AGORA O POETA A SATIRIZAR O DITO PADRE.

Reverendo Padre Alvar,  
basta, que por vossos modos  
saís a campo por todos  
os Mariolas de altar?  
mal podia em vos falar,



quem notícia, nem suspeita  
tem d'asno de tão má seita:  
mas como vos veio ao justo  
a sátira, estais com susto,  
de que por vós fora feita.

Convosco a minha camena  
não fala, se vos não poupa,  
porque sois mui fraca roupa  
para alvo da minha pena:  
se alguém se queima, e condena,  
por que vê, que os meus apodos  
vão frisando por seus modos,  
ninguém os tome por si,  
um pelo outro isso si,  
que assim frisarão com todos.

Vós com malícia veloz  
aplicai-o a um coitado,  
que este tal terá cuidado  
de vo-lo aplicar a vós:  
desta aplicação atroz  
de um por outro, e outro por um,  
como não livrar nenhum,  
ninguém do Poeta então  
se virá a queixar, senão  
do poema que é comum.

Bonetes na minha mão,  
como os lanço ao ar direitos,  
caindo em vários sujeitos  
nuns servem, e noutros não:  
não consiste o seu senão,  
nem menos está o seu mal  
na obra, ou no oficial,  
está na torpe cabeça,  
que se ajusta, e endereça  
pelos moldes de obra tal.

E pois, Padre, vos importa  
nos meus moldes não entrar,  
deveis logo endireitar  
a cabeça, que anda torta:  
mas sendo uma praça morta,  
e um zotíssimo ignorante  
vir-vos-á a Musa picante  
a vós, Padre mentecapto,  
de molde como sapato,  
e ajustada como um guante.

Outra vez vos não metais  
sentir alheios trabalhos,  
que dirão, que comeis alhos  
galegos, pois vos queimais:  
e porque melhor saibais,  
que os zotes, de que haveis dor,  
são de abatido valor,  
vede nos vossos sentidos,  
quais serão os defendidos,  
sendo vós o defensor.

AO PADRE MANUEL DOMINGUES LOUREIRO QUE REHUSANDO IR POR  
CAPELÃO PARA ANGOLA POR ORDEM DE SUA ILUSTRÍSSIMA, FOI AO  
DEPOIS PREZO, E MALTRATADO, PORQUE RESISTIU AS ORDENS DO MESMO  
PRELADO.

Para esta Angola enviado  
vem por força do destino,  
um marinheiro ao divino,  
ou mariola sagrado:  
com ser no monte gerado  
o espírito lhe notei,  
que com ser besta de lei,  
tanto o ser vilão esconde,  
que vem da vila do conde  
morar na casa d'EI-Rei.

Por não querer embarcar  
com ousadia sobeja  
atado das mãos da Igreja  
veio ao braço secular:  
a empuxões, e a gritar  
deu baque o Padre Loureiro:  
riu-se muito o carcereiro,  
mas eu muito mais me ri,  
pois nunca Loureiro vi  
enxertado em Limoeiro.

No argumento, com que vem  
da navegação moral,  
diz bem, e argumenta mal,  
diz mal, e argumenta bem:  
porém não cuide ninguém,  
que com tanta matinada  
deixou de fazer jornada,  
porque a sua teima astuta  
o pôs de coberta enxuta,  
mas mal acondicionada.

O Mestre, ou o capitão  
(diz o Padre Fr. Orelo),  
que há de levar um capelo,  
se não levar capelão:  
vinha branco, e negro pão  
diz, que no mar fez a guerra,  
pois logo sem razão berra,  
quando na passada mágoa  
trouxe vinho como água,  
e farinha como terra.

Com gritos a casa atroa,  
e quando o caso distinga,  
quer vomitar na moxinga,  
antes que cagar na proa:  
querer levá-lo a Lisboa  
com brandura, e com carinho,  
mas o Padre é bebedinho,  
e ancorado a porfiar  
diz, que não quer navegar  
salvo por um mar de vinho.

Aquentou muito a História  
sobre outras ações velhacas  
ter-lhe aborcado as patacas .-  
o magano do Chicória:  
mas sendo a graça notória,  
diz o Padre na estacada,  
que ficarão a pancada,  
quando um, e outro desfeche  
se o Loureiro de escabeche,  
o Chicória de selada.

AO VIGÁRIO DA MADRE DE DEOS MANUEL RODRIGUES QUEIXA O POETA DE  
TEZ CLÉRIGOS QUE LHE FORAM A CASA PELA FESTA DO NATAL, ONDE  
TAMBÉM ELE ESTAVA E COM GALANTARIA O PERSUADE, A QUE SACUDA OS  
HOSPEDES FORA DE CASA PELO GASTO, QUE FAZIAM.

Padre, a casa está abrasada,  
porque é mais danosa empresa  
pôr três bocas numa mesa,  
que trezentas numa espada:  
esta trindade sagrada,  
com que toda a case abafa  
a tomara ver já safa,  
porque à casa não convém  
trindade, que em si contém  
três Pessoas, e uma estafa.

Vós não podeis sem dar pena  
pôr à mesa três Pessoas,  
nem sustentar três coroas  
em cabeça tão pequena:  
se a fortuna vos condena,  
que vejais a casa rasa  
com gente, que tudo abrasa,  
não soffro, que desta vez  
vos venham coroas três  
fazer princípio de casa.

Se estamos na Epifania,  
e os três coroas são Magos,  
hão de fazer mil estragos  
no caju, na valancia:  
mágica é feitiçaria,  
e a terra é tão pouco esperta,  
e a gentinha tão incerta,  
que os três a vosso pesar  
não vos hão de oferta dar,  
e hão de mamar-vos a oferta.

O incenso, o ouro, a mirra  
que eles vos hão de deixar,  
é, que vos hão de mirrar,  
se vos não defende um irra:  
o Crasto por pouco espirra,  
porque é dado a valentão,  
e se lhe formos à mão  
no comer, e no engolir,  
aqui nos há de frigir  
como postas de cação.

AOS MESMOS PADRES HOSPEDES ENTRE OS QUAIS VINHA O Pe PERICO,  
QUE ERA PEQUENINO.

Vieram Sacerdotes dois e meio  
Para a casa do grande sacerdote,  
Dous e meio couberam em um bote,  
Notável carga foi para o granjeiro.

O barco, e o Arrais, que ia no meio,  
Tanto que em terra pôs um, e outro zote,  
Se foi buscar a vida a todo o trote,  
Deixando a carga, o susto, e o recreio.

Assustei-me em ver tanta clerezia,  
Que como o trago enfermo de remela,  
Cuidei, vinham rezar-me a agonia.

Porém ao pôr da mesa, e postos nela,  
Entendi, que vieram da Bahia  
Não mais que por papar a cabidela.

AO MESMO VIGÁRIO GALANTEIA O POETA FAZENDO CHISTES DE UM MIMO,  
QUE LHE MANDARA BRITES UMA GRACIOSA COMADRE SUA, ENTRE O QUAL  
VINHA PARA O POETA UM CAJÚ.

Ao Padre Vigário a flor,  
ao pobre Doutor o fruto,  
há nisto, que dizer, muito,  
e dirá muito o Doutor:  
tenho por grande favor,  
que a título de compadre  
deis, Brites, a flor ao Padre:  
mas dando-me o fruto a mim,  
o que se me deu assim,  
é força, que mais me quadre.

Quadra-me, que o fruto influa,  
que uma flor, que eu não queria,  
Se dê, a quem principia  
e o fruto, a quem continua:  
se o fruto faz, que se argua,  
que eu sou o dono da planta,  
a flor seja tanto, ou quanta,  
sempre o dono a quer perdida,  
porque pelo chão caída  
faz, que o fruto se adianta.

Quem é do fruto Senhor  
sabe as Leis d'agricultura,  
que todo o fruto assegura,  
e despreza toda a flor:  
e inda que chamam favor  
dar a sua flor a Dama  
àquele, por quem se inflama  
eu entendo de outro modo,  
e ao fruto mais me acomodo,  
que honra, e proveito se chama.

Porque na testa vos entre  
o mistério, que isto encerra,  
quem me dá o fruto da terra,  
me pode dar do seu ventre:  
e porque se reconcentre  
este vaticínio imundo  
no vosso peito fecundo,  
digo qual bem augureiro,

que quem me deu o primeiro,  
me pode dar o segundo.

O Padre andou muito tolo  
em vos estimar a flor,  
porque era folha o favor,  
e o meu todo era miolo:  
com meu favor me consolo  
de sorte, e tão por inteiro,  
que afirmou por derradeiro,  
que um favor, e outro suposto,  
eu levo de vós o gosto,  
e o Padre vigário o cheiro.

Eu do Vigário zombei,  
porque vejo, que levou  
uma flor, que se murchou,  
e eu o fruto vos papei:  
este exemplo lhe gravei,  
y este desengano doy  
dela dicha, em que me estoy  
cantando a su flor ansi,  
que ayer maravilla fui,  
y oy sombra mia aun no soy.

#### AO CELEBRE FR. JOANICO COMPREENDIDO EM LISBOA EM CRIMES DE SODOMITA.

Furão das tripas, sanguessuga humana,  
cuja condição grave, meiga, e pia,  
sendo cristel dos Santos algum dia,  
hoje urinol dos presos vive ufana.

Fero algoz já descortês profana  
Sua imagem do nicho da enxovia,  
Que esse amargoso traje em profecia  
Com a lombriga racional se dana.

Ah, Joanico fatal, em que horóscopos,  
Ou porque à costa, ou porque à vante deste,  
Da camandola Irmão quebraste os copos.

Enfim Papagaio humano te perdeste,  
Ou porque enfim darias nos cachopos,  
Ou porque em culis mundi te meteste.

A FR. PASCAL QUE SENDO ABADE DE N. S. DAS BROTAS HOSPEDOU ALI COM GRANDEZA A D. ANGELA, E SEUS PAIS, QUE FORAM DE ROMARIA À AQUELE SANTUÁRIO.

Prelado de tan alta perfeccion,  
Que supo em un aplauso, en un festin  
Congregar en su casa um serafin  
Cercado de tan alta relacion:

Ya mas tenga en su cargo dissension,  
Ni en sus Fraylecitos vea motin:  
Ninguno Hijuelo suyo sea ruin,  
Y los crie en su santa bendicion.

Llena estè la cosina de sarten,  
Y siempre el refectorio abunde en pan,  
Que bien merece Frayle tan de bien.

A quien el sacro bago se le dan  
Regir la casa santa de Belém,  
Y que ya sela quite al soliman.

A FR. TOMAS D'APRESENTAÇÃO PREGANDO EM TERMOS LACONICOS A PRIMEYRA DOMINGA DA QUARESMA.

Padre Tomás, se Vossa Reverência  
Nos pregar as Paixões desta arte mesma,  
Viremos a entender, que na Quaresma  
Não há mais pregador do que vossência.

Pregar com tão lacônica eloquência  
Em um só quarto, o que escrevo em resma,  
À fé, que o não fazia Frei Ledesma,  
Que pregava uma resma de abstinência.

Quando pregar o vi, vi um São Francisco,  
Senão mais eficaz, menos chagado,  
E de o ter por um Anjo estive em risco.

Mas como no pregar é tão azado,  
Achei, que no evangélico obelisco  
É Cristo no burel ressuscitado.

UM AMIGO DESTE RELIGIOSO PEDIU AO POETA SUAS APROVAÇÕES SOBRE A MESMA PREDICA, A PEDITÓRIO DO MESMO PREGADOR NESTÉ.

## MOTE

Louvar vossas orações  
é próprio do Pregador,  
e a mim me dá mais temor  
o Pregador, que os sermões.

Só o vosso entendimento  
vos pode Tomás louvar,  
e eu se pudera imitar  
qualquer vosso pensamento:  
para mostrar seu talento  
fez um círculo em borrões  
Apeles com dous carvões;  
quem vira uma risca vossa?  
Riscai vós, para que eu possa  
Louvar vossas orações.

A causa é melhor, que o efeito  
na boa filosofia,  
e assim é vossa energia  
menor, que o vosso sujeito:  
logo se no humano peito  
não há alcançar o primor  
nas obras de tal autor,  
mal a causa alcançarão,  
pois o pregar do sermão  
É próprio do Pregador.

Se louvo vossa alta idéia,  
sou culpado em me atrever,  
e sou culpado em meter,  
a fouce em seara alheia:  
nesta empresa, em que receia  
entrar o engenho major,  
entra o néscio sem pavor,  
porque a louca valentia  
dá ao néscio a ousadia,  
E a mim me dá mais temor.

Ou cobarde, ou atrevido,  
ou ousado, ou não ousado  
hei de dizer empenhado,  
o que calava entendido:  
um amigo a vós rendido  
pede a vossas orações  
as minhas aprovações,  
e eu calando lhe obedeço,  
porque fique em maior preço  
O Pregador, que os sermões.



O MESMO AMIGO PEDIU AO POETA EM OUTRA OCASIÃO LHE GLOSASSE ESTE MOTE, CUJA MATÉRIA FOI HAVER TRIUNFADO O DITO FR. TOMAS DE CERTA OPOSIÇÃO CAPITULAR.

### MOTE

Nuvens, que em oposição  
o sol querem desluzir,  
seus raios sabem sentir  
por ser seu cuidado em vão.  
No Céu pardo de Francisco  
pardo à força de nublados  
há vapores humilhados,  
e soberbos com seu risco:  
o soberbo ao sol arisco  
se põe, e o humilhado não,  
e o sol menos queima então  
as nuvens, que chegar vê  
em acatamentos, que  
Nuvens, que em oposição.

As nuvens, que se lhe opõem  
com tão néscio atrevimento,  
o sol de um raio violento  
queima, abrasa, e descompõe:  
tudo o mais o sol dispõe  
pare o manter, e cobrir  
criar, e reproduzir,  
e com razão não tem fé  
co'as nuvens ingratas, que  
O sol querem desluzir.

O sol por sua altivez,  
e nativo luzimento  
não recebe abatimento  
e abatê-lo é louca empresa:  
quando se atreve a vileza  
do vapor, que o vai seguir  
na nuvem, que o quer cobrir,  
se a subir não tem desmaios,  
ao resistir dos seus raios  
Seus raios sabem sentir.

Sentem com tanto pesar,  
que têm por melhor partido  
não haver ao sol subido  
que subir para baixar:  
era força escarmentar  
na queda de Faetão,  
e na Icária perdição,

que estes outros se arruinaram,  
quando ao sol subir cuidaram,  
Por ser seu cuidado em vão.

AO SOBREDITO RELIGIOSO DESDENHANDO CRITICO DE HAVER GONÇALO RAVASCO, E ALBUQUERQUE NA PRESENÇA DE SUA FREIRA VOMITADO HUMAS NÁUSEAS, QUE LOGO COBRIU COM O CHAPÉU.

Quem vos mete, Fr. Tomás,  
em julgar as mãos de amor,  
falando de um amator  
que pode dar-vos seis e ás?  
Sendo vós disso incapaz,  
quem vos mete, Fr. Franquia,  
julgar, se foi policia  
o vômito, que arrotastes,  
se quando vós o julgastes,  
vomitastes uma asnia:

Sabeis, por que vomitou  
aquele amante em jejum?  
lembrou-lhe o vosso budum,  
e a lembrança o enjoou;  
e porque considerou,  
que o tal budum vomitado  
era um fedor refinado,  
por não ver poluto um céu,  
o cobriu com seu chapéu,  
e em cobri-lo o fez honrado.

Vós sois um pantufo em zancos,  
mais oco do que um tonel,  
e se estudais no burel,  
entendereis de tamancos:  
que as ações dos homens brancos,  
tão brancos como Furão,  
não as julga um maganão  
criado em um oratório,  
julgador de refeitório,  
que dá o nosso Guardião.

O que sabeis, Frei Garrafa,  
é a traça, e a maneira,  
com que estafais uma Freira,  
dizendo, que vos estafa:  
vós saís com a manga gafa  
do palangana, e tigela  
d'ovos moles com canela,  
e tão mal correspondeis,

que esse tempo, que a comeis,  
são as têmeoras para ela.

Item sabeis tresladar  
falto de próprios conselhos  
de trezentos sermões velhos  
um sermão para pregar:  
e como entre o pontear,  
e cirgir obras alheias  
se enxergam vossas idéias,  
mostrais pregando de falso,  
que sendo um Frade descalço,  
andais pregando de meias.

E pois vossa Reverência  
quis ser julgador de nora,  
tenha paciência, que agora  
se lhe tira a residência:  
e inda que a minha clemência  
se há com dissimulação,  
livre-se na relação  
dos cargos, em que é culpado  
ser glutão como um capado,  
como um bode fodinchão.

A CERTO FRADE NA VILA DE SAM FRANCISCO, A QUEM UMA MOÇA  
FINGINDO-SE AGRADECIDA À SEUS REPETIDOS GALANTEIOS, LHE MANDOU  
EM SIMULAÇÕES DE DOCE UMA PANELA DE MERDA.

Reverendo Frei Antônio  
se vos der venérea fome,  
praza a Deus, que Deus vos tome,  
como vos toma o demônio:  
uma purga de antimônio  
devia a moça tomar,  
quando houve de vos mandar  
um mimo, em que dá a entender,  
que já vos ama, e vos quer  
tanto, como o seu cagar.

Fostes-vos mui de lampeiro  
vós, e os amigos de cela  
ao miolo da panela,  
e achastes um camareiro:  
metestes a mão primeiro,  
de que vos desenganásseis,  
e foi bem feito, que achásseis,  
cagalhões, que então sentistes,  
porque aquilo, que não vistes,  
quis o demo, que cheirásseis.

A hora foi temerária,  
o caso tremendo, e atroz,  
e essa merda para vós  
se não serve, é necessária:  
se a peça é mui ordinária,  
eu de vós não tenho dó:  
e se não dissei-me: é pó  
mandar-vos a ponto cru  
a Moça prendas do cu,  
que tão vizinho é do có?

Se vos mandara primeiro  
o mijo num panelão,  
não ficáreis vós então  
mui longe do mijadeiro:  
mas a um Frade malhadeiro  
sem correia, nem lacerda,  
que não sente a sua perda,  
seu descrédito, ou desar,  
que havia a Moça mandar,  
senão merda com mais merda?

Dos cagalhões afamados  
diz esta plebe inimiga,  
que eram de ouro de má liga  
não dobrões, porém dobrados:  
aos Fradinhos esfamiados,  
que abrindo a panela estão,  
daí por cabeça um dobrão,  
e o mais mandai-o fechar;  
que por isso, e por guardar,  
manhã serei guardião.

Se os cagalhões são tão duros,  
tão gordos, tão bem dispostos,  
é, porque hoje foram postos,  
e ainda estão mal maduros:  
que na enxurrada dos tais  
é de crer, que abrandem mais,  
porque a Moça cristãmente  
não quer, que quebreis um dente,  
mas deseja, que os comais.

O CERTO FRADE QUE GALANTEANDO DUAS SENHORAS NO CONVENTO DE ODIVELAS, LHES ENTREGOU HABITO, E MENORES PARA UM FINGIDO ENTREMEZ, E CONHECENDO O CHASCO, EM ALTA NOITE DEU EM CANTAR O MISERERE, BORRANDO, E OURINANDO TODO O PALRATÓRIO, PELO QUE A

ABADESSA LHE DEU OS SEUS HÁBITOS, E SUA LANTERNA PARA SE  
RETIRAR À LISBOA.

Reverendo Frei Carqueja,  
quentárida com cordão,  
magano da religião,  
e mariola da Igreja:  
Frei Sarna, ou Frei Bertoeja,  
Frei Pirtigo, que o centeio  
moes, e não dás receio,  
Frei Burro de Lançamento,  
pois que sendo um Frei Jumento,  
és um jumento sem freio.

Tu, que nas pardas cavernas  
vives de um grosso saial,  
és carvoeiro infernal,  
pois andas com saco em pernas:  
lembram-te aquelas fraternas,  
que levaste a teu pesar,  
quando a Prelada Bivar  
por culpa, que te cavou,  
de dia te desfradou  
para à noite te expulsar.

Pela dentada, que Adão  
deu no vedado fruteiro,  
de folhas fez um cueiro,  
e cobriu seu cordavão:  
a ti o querer ser glutão  
de outra maçã reservada,  
ao vento te pôs a ossada,  
mas com diferença muita,  
que se nu te pôs a fruta,  
tu não lhe deste a dentada.

De José se diz cad'hora,  
que o fez um seno de chapa  
deixar pela honra a capa  
nas mãos da amante senhora:  
tu na mão, que te namora,  
por honra, e por pundonor  
deixas hábito, e menor,  
mas com desigual partido,  
que José de acometido,  
e tu de acometedor.

Desfradado em conclusão  
te vistes em couro puro,  
como vinho bem maduro,

sendo, que és um cascarrão:  
era pelo alto serão,  
quando a gente às adivinhas  
viu entre queixas mesquinhas  
na varanda um Frade andeiro  
saído do Limoeiro  
a berrar pelas casinhas.

Como Galeno na praça  
apareceste ao luar  
pobre, roubado do mar,  
que era ver-te um mar de graça:  
quando um pasma, e outro embaça;  
não me tenham por visão,  
frade sou inda em cueiros,  
tornei-me aos anos primeiros,  
e Bivar foi meu Jordão.

Porque luz se te não manda,  
tu por não dar num ferrolho,  
dizem, que abriste o teu olho,  
que é cancela, que tresanda:  
chovias por uma banda,  
e por outra trovejavas,  
viva tempestade andavas,  
porque à comédia assistias,  
que era tramóia fingias,  
e na verdade o passavas.

Ninguém há, que vitupere  
aquele lanço estupendo,  
quando o teu pecado vendo  
tomaste o teu miserere:  
mas é bem, que me exaspere  
de ver, que todo o sandeu,  
que nos tratos se meteu  
de Freiras, logo confessa,  
que isso lhe deu na cabeça,  
e a ti só no cu te deu.

Dessa hora temerária  
ficou a grade de guisa,  
que se até ali foi precisa,  
desde então foi necessária:  
tu andaste como alimária,  
mas isso não te desdoura,  
porque fiado na coura  
da brutescia fradaria  
estercaste estrebaria,  
o que gostas manjedoura.

Que és frade de habilidade,  
dás grandíssima suspeita,  
pois deixas câmara feita,  
o que foi té agora grade:  
tu és um corrente Frade  
nos lances de amor, e brio,  
pois achou teu desvario  
ser melhor, e mais barato,  
do que dar o teu retrato,  
pôr na grade o teu feitio.

Corrido enfim te ausentaste,  
mas obrando ao regatão,  
pois levaste um lampião  
pela cera, que deixaste:  
sujamente te vingaste  
Frei Azar, ou Frei Piorno,  
e estás com grande sojorno,  
e posto muito de perna,  
sem veres, que essa lanterna  
te deram, por dar-te um corno.

O com que perco o sentido,  
é ver, que em tão sujo tope  
levando a Freira o xarope  
tu ficaste o escorrido:  
na câmara estás provido  
e de ruibarbo com capa,  
mas lembro-te Frei Jalapa,  
que por cagar no sagrado  
o cu tens excomungado,  
se não recorres ao Papa.

Muito em teus negócios medras  
com furor, que te destampa,  
pois sendo um louco de trampa,  
te tem por louco de pedras:  
é muito, que não desmedras,  
vendo-te trapo, e farrapo,  
antes co'a Freira no papo,  
como no sentido a tinhas,  
parece, que a vê-la vinhas,  
pois vinhas com todo o trapo.

Tu és magano de lampa,  
Bivar é Freira travessa,  
a Freira pregou-te a peça,  
mas tu armaste-lhe a trampa:  
se o teu cagar nunca escampa,

nunca estie o seu capricho,  
e pois tê pregou, Frei Mixo,  
chame-se por todo o mapa  
ela travessa de chapa,  
e tu magano de esguicho.

A CERTO FRADE, QUE QUERENDO EMBARCAR-SE PARA FORA DA CIDADE,  
FURTOU UM CABRITO, O QUAL SENDO CONHECIDO DA MAI PELO BERRO O  
FOI BUSCAR DENTRO DO BARCO, E COMO NÃO TEVE EFEITO O DITO  
ROUBO, TRATOU LOGO DE FURTAR OUTRO, E O LEVOU ASSADO.

De fornicário em ladrão  
se converteu Frei Foderibus  
o lascivo em mulieribus,  
o mui alto fodinchão:  
foi o caso, que um verão  
tratando o Frade maldito  
de ir da cidade ao distrito,  
querendo a cabra levar,  
para mais a assegurar,  
embarcou logo o cabrito.

Mas a cabra esquiva, e crua  
a outro pasto já inclinada  
não quis fazer a jornada,  
nem que a faça cousa sua:  
balou uma, e outra rua  
com tal dor, e tal paixão,  
que respondendo o mamão  
alcançou todo o distrito  
nas respostas do cabrito  
o codilho do cabrão.

Estava ele muito altivo  
com seu jogo bem assaz,  
porém, por roubar sem ás  
perdeu bolo, cabra, e chibo:  
porque sem pôr pé no estrivo  
saltou na barca do Alparca,  
e dizendo desembarca  
saiu co filho a correr,  
porque então não quis meter  
com tal cabrão pé em barca.

O Frade ficou num berro,  
porque temia o maldito  
se não levasse o cabrito,  
de achar, que lhe pegue um perro:  
e por não cair nesse erro



num rebanho em boa fé  
outro, a quem o Frei Caziqui,  
quando ele dizia mihi,  
ele respondia mé.

Do mé desaparecido  
foi logo o dono avisado,  
que o Frade lhe havia achado  
antes dele o haver perdido:  
e sendo o sítio corrido,  
se achou, que a modo de pá  
num forno o cabrito está,  
que o Frade é destro ladrão  
porém nesta ocasião  
saiu-lhe a fornada má.

A CERTO FRADE QUE PREGANDO MUITOS DESPROPÓSITOS NA MADRE DE DEOS FOI APEDREJADO PELOS RAPAZES, E SE FINGIU DESMAIADO POR ESCAPAR: MAS DEPOIS FURTANDO AO POETA UM BORDÃO, E AO ARPISTA DA FESTA UM CHAPÉU SE RETIROU: POREM SABENDO-SE DO FURTO LHE FOI AO CAMINHO TIRAR DAS MÃOS UM MULATO DE DOMINGOS BORGES.

Reverendo Padre em Cristo,  
Fr. Porraz por caridade,  
Padre sem paternidade  
salvo a tem pelo Anticristo:  
não me direis, que foi isto,  
que dizem, quando pregastes,  
tão depressa vos pagastes,  
que antes que o sermão findara  
tanto cascalho embolsastes.

Pregastes tanta parvoíce  
de tolo, e de beberrão,  
que o povo bárbaro então  
entendeu, que era louquice:  
quis-vos seguir a doudice,  
e posto no mesmo andar,  
em lugar de persignar  
uma pedrada vos prega,  
que a testa ainda arrenega  
de tal modo de pregar.

Aqui-d'El-Rei me aturdistes,  
e como um Paulo pregáveis,  
entendi, quando gritáveis,  
que do cavalo caístes:  
vós logo me desmentistes,  
dizendo, não tenho nada,

fingi aquela gritada,  
porque entre tantos maraus  
com seixos, limões, e paus  
não viesse outra pedrada.

Bem creio eu, Peralvilho,  
que sois cavalo de Troia,  
e fazeis uma tramóia  
co'a morte no garrotilho:  
mas se perdendo o codilho,  
que ganhais a mão, dizeis,  
a vós o engano fazeis,  
porque se quem compra, e mente,  
se diz, que na bolsa o sente,  
vós na testa o sentireis.

Vendo-vos escalavrado  
o Vigário homem do céu  
em casa vos recolheu,  
por vos salvar no sagrado:  
vós sois tão desaforado,  
que não quisestes cear,  
não mais que pelo poupar,  
sendo que sois tão má preia,  
que lhe poupastes a ceia,  
por lhe roubar o jantar.

Fostes-vos de madrugada,  
deixando-lhe aberta a porta,  
mas a porta pouco importa,  
importa a casa roubada:  
fizestes uma trocada,  
que só a pudera fazer  
um beberrão a meu ver,  
d'um por outro chapéu podre,  
que trocar odre por odre  
venha o demo a escolher.

Ficou o Mestre solfista  
sem chapéu destro, ou sinistro,  
e ainda que na arpa é destro,  
vós fostes maior arpista:  
quem por ladrão vos alista,  
saiba, que sois mau ladrão,  
que não perdendo ocasião,  
lá em cima na vossa estada,  
levastes a bordoadada,  
cá em baixo o meu bordão.

Tomastes do rio a borda,

e vendo os amigos Borges,  
que leváveis tais alforjes,  
trataram de dar-vos corda:  
mas vendo, que vos engorda,  
mais do que a vaca, o capim,  
puseram-vos um selim,  
um freio, e um barbicacho,  
porque sendo um burro baio  
logreis honras de rocim.

Vendo-vos ajaezado,  
pela ocasião não perder,  
botastes logo a correr  
atrás das éguas mangado:  
apenas tínheis chegado  
de Caípe à casaria,  
quando um Mulataço harpia  
arrogante apareceu,  
e vos tirou o chapéu  
sem vos fazer cortesia.

Tirou-vos o meu cajado,  
porque sois ladrão tão mau,  
que levastes o meu pau,  
que não serve a um barbado:  
e vendo-vos despojado  
dos furtos deste lugar  
vos pusestes a admirar,  
de que um Mulato valente  
de vos despir se contente,  
podendo-vos açoutar.

Nunca vós, borracho alvar,  
a pregar-nos vos metais,  
que se a rapazes pregais,  
eles vos lá hão de pregar:  
tratai logo de buscar  
alguma Dona Bertola,  
para pregar pela gola,  
como aqui sempre fizestes,  
que esse é o pregar, que aprendestes,  
do que podeis pôr escola.

E guardai-vos, maganão  
bêbado, jeribiteiro,  
de tornar a este oiteiro  
fazer vossa pregação:  
que o Mestre Pantaleão,  
e o Doutor, a quem roubastes,  
e os mais, que aqui encontrastes

vos esperam com escurbas.  
para arrancar-vos as barbas,  
se é que a vinho as não pelastes.  
INDO CERTO FRADE A CASA DE UMA MERETRIZ LHE PEDIU ESTA QUINZE  
MIL REIS DANTEMÃO PARA TIRAR HUMAS ARGOLAS, QUE TINHA  
EMPENHADAS.

Quinze mil-réis dantemão  
Cota a pedir-me se atreve,  
o diabo a mim me leve,  
se ela val mais que um tostão:  
que outra fêmea de canhão,  
por seis tostões, que lhe dei  
toda a noite a pespeguei,  
e a quem faz tal peditório  
Borrório.

Ora está galante o passo;  
Menina, não me direis,  
se vos deu quinze mil-réis,  
quem vos tirou o cabaço?  
fazeis de mim tão madraço,  
que vos dê tanto dinheiro  
por um triste parrameiro,  
que está junto ao cagatório?  
Borrório.

Quereis argolas tirar  
Co'as moedas, que são minhas?  
para tirar argolinhas  
só lança vos posso dar;  
vós pedis por pedinchar  
sem vergonha, nem receio,  
como se eu tivera cheio  
de dinheiro um escritório:  
Borrório.

Saís muito à vossa Mãe  
nos costumes de pedir,  
e eu em não contribuir  
me pareço com meu Pai:  
essa petição deixai;  
quereis sustentar-vos só  
vossa Mãe, e vossa Avó,  
e todo o mais avolório?  
Borrório.

Vindes a mui ruim mato,  
Menina, fazer a lenha,  
que outra fêmea mais gamenha

mo fazia mais barato:  
buscai outro melhor pato;  
quereis depenar, a quem  
a penas segura tem  
a ração do refeitório?  
Borrório.

Quereis, que o Prelado astuto  
me tome conta da esmola,  
e que a bom livrar dê a sola?  
que tal faça! fideputo:  
eu não sou amba macuto,  
nem sou tampouco matreiro,  
que vós comais o dinheiro,  
e eu fique de gorgotório?  
Borrório.

Vós quereis sem mais nem mais,  
que no sermão de repente  
eu faça chorar a gente,  
para que vós vos riais?  
tão ruim alma me julgais,  
que para as vossas cobiças  
tome capelas de missas,  
e que chore o Purgatório?  
Borrório.

Ora enfim vós a pedir,  
e eu Cota a vo-lo negar,  
ou vós havei de cansar,  
ou eu me hei de sacudir:  
com que venho a inferir  
destas vossas petições,  
que heis de pedir-me os culhões,  
a parvoíce, e zimbório  
Borrório.

SATIRIZA OUTRO CASO DE UMA NEGRA QUE FOI ACHADA COM OUTRO  
FRADE, E FOI BEM MOÍDA COM UM BORDÃO POR SEU AMASIO, POR CUJA  
CAUSA SE SAGROU, E SE FINGIU MANCA DE UM PÉ.

Nunca cuidei do burel,  
nem menos do seu cordão,  
que fosse tão cascarrão,  
tão duro, nem tão cruel:  
mas vós como sois novel,  
e ignorais o bom, e o mau,  
e o que tirastes do escote  
foi ver, que era o seu picote

tão duro como um bom pau

Vós fostes bem esfregada  
do burel esfregador,  
mas depois o pão do amor  
vos deixou mais bem pisada:  
no bananal enramada  
vos atastes ao cordão,  
que vos fez a esfregação;  
depois quem vos vigiou,  
nas costas vos assentou  
as costuras cum bordão.

Fingistes-vos mui doente,  
e atastes no pé um trapo,  
sendo a doença o marzapó  
do Franciscano insolente:  
enganastes toda a gente  
fingidamente traidora,  
mas eu soube na mesma hora,  
que nos tínheis enganado,  
e por haver-vos deitado,  
fingis deitar-vos agora.

Eu sinto em todo o rigor  
os vossos sucessos maus,  
pois levastes com dois paus  
um do Frade, outro do amor:  
qual destes paus foi pior  
vós nos haveis de dizer,  
que eu não deixo de saber,  
que sendo negras, ou brancas  
é sempre um só pau de trancas  
pouco para uma mulher.

Não vades ao bananal,  
que e cousa escorregadia,  
e eis de levar cada dia  
lá no có, cá no costal:  
sed libera nos a mal  
dizei no vosso rosário,  
e se o Frade é frandulário,  
vá folgar a seu convento,  
que vós no vosso aposento  
tendes certo o centenário.

Muito mal considerastes,  
no que o sucesso parou,  
que o Frade vos não pagou,  
e vós em casa o pagastes:

tal miserere levastes,  
que vos digo na verdade,  
fora melhor dá-lo ao Frade  
porque é maior indecência  
dá-lo a vossa negligência,  
que à sua Paternidade.

A CERTO FRADE QUE TRATAVA COM UMA DEPRAVADA MULATA POR NOME  
VICENCIA QUE MORAVA JUNTO AO CONVENTO, E ATUALMENTE Á ESTAVA  
VIGIANDO DESTE CAMPANÁRIO.

Reverendo Fr. Sovela,  
saiba vossa Reverência,  
que a caríssima Vivência  
põe cornos de cabidela:  
tão vária gente sobre ela  
vai, que não entra em disputa,  
se a puta é mui dissoluta,  
sendo, que em todos os povos  
a galinha põe os ovos  
e põe os cornos a puta.

Se está vossa Reverência  
sempre à janela do coro,  
como não vê o desaforo  
dos Vicências co'a Vicência?  
como não vê a concorrência  
de tanto membro, e tão vário,  
que ali entra de ordinário?  
mas se é Frade caracol,  
bote esses cornos ao sol  
por cima do campanário.

Do alto verá você  
a puta sem intervalos  
tangida de mais badalos,  
que tem a torre da Sé:  
verá andar a cabra mé  
berrando atrás dos cabrões,  
os ricos pelos tostões  
os pobres por piedade,  
os leigos por amizade,  
os Frades pelos pismões.

Verá na realidade  
aquilo, que já se entende  
de uma puta, que se rende  
às porcarias de um Frade:  
mas se não vê de verdade

tanto lascivo exercício,  
é, porque cego do vício  
não lhe entra no oculorum  
o secula seculorum  
de uma puta de abinitio.

AO LOUCO DESVANECIMENTO, COM QUE ESTE FRADE TIRANDO ESMOLAS  
CANTAVA REGAÇANDO O HABITO POR MOSTRAR AS PERNAS, COM  
PRESUNÇÕES DE GENTIL HOMEM, BOM MEMBRO, E BOA VOZ.

Ouve, Magano, a voz, de quem te canta  
Em vez de doces passos de garganta  
Amargos pardieiros de gasnate:  
Ouve, sujo Alparcate,  
As aventuras vis de um Dom Quixote  
Revestido em remendo de picote.

Remendado dos pés até o focinho  
Me persuado, que és Frade Antoninho:  
Por Frei Basílio saís de São Francisco,  
E entras Frei Basilisco,  
Pois que deixas à morte as Putas todas,  
Ou já pela má vista, ou pelas fodas.

Tu tens um membralhaz aventureiro,  
Com que saís cada trique ao terreiro  
A manter cavalhadas, e fodengas,  
Com que as putas derrengas;  
Valha-te: e quem cuidara, olhos de alpistre,  
Que seria o teu membro o teu enristre!

Gabas-te, que se morrem as Mulatas  
Por ti, e tens razão, porque as matas  
De puro pespegar, e não de amores,  
Ou de puros fedores,  
Que exalam, porcalhão, as tuas bragas,  
Com que matas ao mundo ou as estragas.

Dizem-me, que presumes de três partes,  
E as de Pedro serão de malas artes:  
Boa voz, boa cara, bom badalo,  
Que é parte de cavalo:  
Que partes podes ter, vilão agreste,  
Se não sabes a parte, onde nasceste?

Vestido de burel um salvajola  
Que partes pode ter? de mariola:  
Quando o todo é suor, e porcaria,  
A parte que seria?



Cada parte budum, catinga, e lodos,  
Que estas as partes são dos Frades todos.

Não te desvaneça andar-te a puta ao rabo,  
Que Joana Lopes dormirá c'o diabo;  
E posto que a Mangá também forniques,  
Que é moça de alfiniques,  
Supõe, que tinha então faminta a gola,  
E que te quis mamar o pão da esmola.

Não hão mister as putas gentilezas,  
Que arto bonitas são, arto belezas:  
O que querem somente, é dinheiro,  
E se as cavalgas tu, pobre sendeiro,  
É, porque dando esmolos, e ofertório,  
Quando as pespegas, geme o refeitório.

Prezas-te de galã, bonito, e pulcro,  
E os fedores da boca é um sepulcro  
A cães mortos te fede a dentadura,  
E se há puta, que te atura  
Tais alentos de boca, ou de traseiro,  
É porque tu as incensas com dinheiro.

O hábito levantas no passeio,  
E cuidas, que está nisso o galanteio,  
Mostras a perna mui lavada, e enxuta,  
Sendo manha de puta  
Erguer a saia por mostrar as pernas,  
Com que és hermafrodita nas cavernas.

Tu és Filho de um sastre de bainhas,  
E botas muito mal as tuas linhas,  
Pois quando fidalgão te significas,  
A ti mesmo te picas,  
E dando pontos em grosseiro pano,  
Mostras pela entetela, que és magano.

Torna em teu juízo, louco Durandarte,  
Se algum dia o tiveste, a quem tornar-te;  
Teme a Deus, que em tão louco desatino  
De algum celeste signo  
Hei medo, que um badalo se despeça,  
E te rompa a cabaça, ou a cabeça.

Se és Frade, louva ao Santo Patriarca,  
Que te sofre calçar-lhe a sua alparca,  
Que juro a tal, se ao século tornaras,  
Nem ainda te fartaras  
De ser um tapanhuno de carretos,

Por não ser mariola, onde há pretos.

AO MESMO FRADE TORNA A SATIRIZAR O POETA, SEM OUTRA MATÉRIA NOVA, SENÃO PRESUMINDO, QUE QUEM O DEMO TOMA UMA VEZ SEMPRE LHE FICA UM JEITO.

Reverendo Fr. Fodaz,  
não tenho matéria nova,  
de que vos faça uma trova,  
mas de antiga tenho assaz:  
que como sois tão capaz  
de ires de mau a pior,  
suponho de vosso humor,  
que enquanto a velha, e o frade  
sois sempre em qualquer idade  
mais ou menos fodedor.

Na boa filosofia  
mais ou menos não difere,  
e assim vós que estais, se infere,  
na mesma velhacaria:  
Lembra-me a mim cada dia  
tanto sucesso indecente,  
que de vós refere a gente,  
que inda que d'outra monção,  
sei, que de hoje para então  
nada tendes diferente.

Se o burel, que se remenda,  
e o ser frade, e ser vilão  
vos fazem mais fodinchão,  
como haveis de ter emenda?  
Será inútil contenda  
querer, que vos emendeis,  
pois como vós não deixeis  
de ser frade, e ser vilão,  
sempre heis de ser fodinchão,  
fodereis, mais fodereis.

Quem a causa não desfaz,  
não destrói o seu efeito,  
com que vós no hábito estreito  
sempre haveis de ser fodaz.  
Valha o diabo o mangaz,  
que em vendo a pinta, e a franga  
aqui, em Jacaracanga,  
em público, e em secreto,  
se lhe cheira o vaso preto,

logo a porra se lhe emanga.

De um pirtigo tão velhaco,  
que tão súbito se engrossa,  
que direi, senão que almoça  
vinte picas de Macaco:  
membro, que em todo o buraco  
se quer meter apressado,  
qual arganaz assustado,  
fugindo ao ligeiro gato,  
que direi, que é membro rato?  
Não: porque este é consumado.

Pois logo que hei de dizer,  
como, e com que paridade  
porei o membro de um frade,  
a quem não farta o foder?  
Eu não me sei nisto haver,  
nem por que apodo me reja:  
mas o mundo saiba, e veja,  
que o membro deste mangado  
é já membro desmembrado  
da justiça, mais da Igreja.

A CERTO FRADE QUE INDO PREGAR A UM CONVENTO DE FREIRAS, E  
ESTANDO COM UMA NA GRADE, LHE DEU TAL DOR DE BARRIGA, QUE SE  
CAGOU POR SI.

Ficaram neste intervalo  
pagos a Freira, e o Frade,  
ela a ele deu-lhe a grade,  
que a vós não convém correr  
com homem tão despejado,  
ele a ela deu-lhe o ralo:  
fê-lo ir com tanto abalo  
o seu sujo proceder,  
que se andar tão desatado,  
logo vos há de feder.

Estas novas enxurradas  
fizeram com novo estilo  
na casa da grade um Nilo,  
catadupa nas escadas:  
não foram mal suportadas  
dos vizinhos do lugar,  
se chegaram a alcancar  
(como ouvimos referir)  
que os índios perdem o ouvir,  
cá perdessem o cheirar.

Ao Frade, que assim vos trata,  
porque outra vez não se entorne,  
mandai, que à grade não torne,  
até soldar a culatra:  
que escopeta, que não mata,  
quando tão junto atirou,  
bem mostra, que se errou,  
e toda a munição troca,  
não rebentou pela boca,  
pela escorva rebentou.

Neste hediondo tropel  
cem mil causas achareis,  
que não são para papéis,  
posto que as ponha em papel:  
o passo foi tão cruel,  
que a dizê-lo me tentou:  
se bem lastimado estou,  
do que deste Frade ouvi,  
torne ele mesmo por si,  
já que por si se entornou.

Do monte Olimpo se conta,  
que quando há maior tromento  
deixa sua altura isenta,  
porque das mais se remonta:  
não sei, se vós nessa conta  
entrastes, Senhora, então  
naquela suja ocasião;  
só sei, que o Frade seria,  
pelo que dele corria,  
monte, mais o limpo não.

Deste Frade ouvi dizer,  
e é cousa digna de riso,  
que tendo-se por Narciso,  
fez fonte para se ver:  
e deve-se reprender,  
Dama bela, se vos praz  
o que este Narciso faz,  
pois ofende o fino amante,  
deixando claro diante,  
ver-se no escuro de trás.

Foi o Padre aqui mandado  
para pregar: grande error!  
Não pode ser pregador  
um Frade tão despregado:  
seja do ofício privado,

e de entre a gente falar,  
pois todos vêm alcançar  
o seu salvo presumir,  
que sendo mau para ouvir,  
é pior para cheirar.

**FIM**